

POVO ALGARVIO

SEMANÁRIO REGIONALISTA

(AVENÇA)

EDITOR E PROPRIETARIO
MANUEL VIRGÍNIO PIRES

Redacção e Administração
Rua Dr. Parreira, 13 — TAVIRA — Telef. 127

DIRECTOR

ISIDORO MANUEL PIRES

ASSINATURAS

Série de 10 números—No concelho de Tavira . 8\$00
> » 10 » —Para outras localidades . 9\$90

Composição e Impressão
Tipografia «POVO ALGARVIO» — Tavira

«POVO ALGARVIO»

deseja aos seus amigos e assinantes
Um Ano Novo Próspero

Moncarapacho no século XVI

segundo o testemunho de Fr. João de S. José

A FAZERES vários têm-nos impedido a publicação de mais um dos nossos estudos «Por terras do Algarve — Ensaio de história e arqueologia», aliás anunciado no simpático e sempre acolhedor «Povo Algarvio», que constituirá o n.º 4 da mesma série e que, a Deus querer, há-de formar, com os anteriores estudos e com outros que se lhe seguirem, um volume.

pelo Dr. J. Fernandes Mascarenhas

Porém, enquanto isso não acontecer, do que pedimos desculpas aos nossos estimados leitores, vamos hoje publicar uma página, quase desconhecida, com que deparámos na *Monografia do Reyno do Algarve*, escrita pelo Padre Fr. João de S. José, da Ordem de Santo Agostinho.

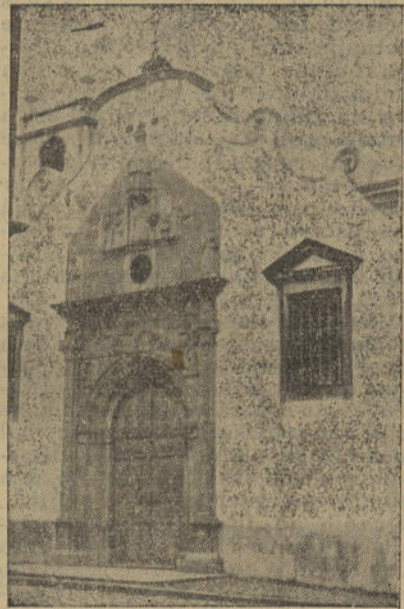
Refere-se ela a Moncarapacho no século XVI, freguesia filha da de Sant'Iago de Tavira — antiga e cheia de tradições cristãs e patrióticas.

Nutrido desde muito novo uma grande simpatia e admiração pela nobre Tavira, terra de heróis e outras figuras proeminentes na história nacional, é com muito interesse que publicamos essa página, por ser o testemunho do muito que o seu ilustre autor observou no Algarve, durante o tempo em que aí permaneceu.

A *Monografia do Reyno do Algarve*, dividida em «quatro Livros/Pera mor declaração da Obra», foi escrita no ano de 1577, existindo em cópia do século XVIII, num volume in-4.º de 134 folhas, encadernado em pergaminho, na secção dos reservados e manuscritos da Biblioteca Nacional de Lisboa, com a cota A. 3—42—109. E é pena, diga-se de passagem, que dela não se faça uma edição devidamente anotada, pelo interesse que têm os estudos desta natureza, sobretudo quando se baseiam na observação directa, como no caso presente, segundo declaração do próprio autor.

Moncarapacho, diz o Padre Fr. João de S. José: «he hum lugar pequeno duas/leguas de Tavira cujo termo he. Mas tudo ao/deredor de si tem pouoda de quintas em q/continuum.ª mora m.ª gente fidalga, e outros/homens honrados q uiuem por suas fazendas/. He terra abastada porq nella se colhe o prin-/cipal figo, e azeite de todo o Algarve. Tem huã/Igreja grande e boa prouida de todo o necessa./rio, e fazem-se os officios Diuinos nella com tan-/ta perfeçção como dentro em Tavira. Tem tam-/bem caza de Misericordia, e he toda gente lustro-/za, e de opinião, e q nos repiques de mouros que/pello verão m.ªs vezes nestas partes ha não são os-/deradeyros que accodem.»

(Continua na 2.ª página)



Pórtico da Igreja matriz de Moncarapacho

A festa da inauguração da luz eléctrica na Luz de Tavira

CONFORME noticiámos, realizou-se no passado domingo, com grande brilhantismo, a festa da inauguração da luz eléctrica na aldeia da Luz, promovida pela Junta de Freguesia.

Cerca das 17,30 horas, chegaram as entidades oficiais concelhias. A Banda de Tavira, ao som alegre do estrear dos foguetes, percorreu a povoação, dando-lhe uma nota de festa.

Foram também assistir à cerimónia os srs. Eng. Sebastião Ramirez, antigo Ministro do Comércio e ilustre deputado, que se fez acompanhar de sua Ex.ª Esposa, sr.ª D. Maria Isabel Ramirez, e Dr. José Correia do Nascimento, ilustre presidente da Comissão Concelhia da U.N. e da Junta de Província do Algarve.

Cerca das 18 horas, chegou Sua Ex.ª Rev.ª o sr. D. Francisco Rendeiro, Bispo do Algarve, convidado de honra, que era aguardado à entrada da aldeia por todas as entida-

Apelos Sugestões e Alvitres

1.º — Alto de S. Brás

Pessoa amiga, Tavirense que à sua terra e aos seus filhos, tem dado sempre o melhor da sua dedicação, do seu carinho e dos seus préstimos nessa Lisboa distante, onde actualmente vive, escreveu-nos há dias incitando-nos a não esmorecer nesta cruzada que encetamos, visando exclusivamente o benefício e o progresso da nossa terra.

Guardando a sua natural modéstia, pedimos-lhe licença para transcrever aqui o que nos diz na sua carta:

«Leio sempre com muito agrado a tua Secção no «Povo Algarvio» e lamento que não sejas ouvido, como dizias ultimamente; mas é assim mesmo ou sempre vão fazendo qualquer coisa que ponha direito o que não está?...»

Tenho pena de não ver umas árvores no Alto de S. Brás, quase miradouro, pela situação que tem e que tanto beneficiaria nos dias quentes de Verão, com um pouco de sombra, quem por ali tenha de passar, além do que seria de aformoseamento, de que tanto precisa a nossa terra, e de higiénico.

E umas árvores, talvez palmeiras, ao lado do rio: Obra barata e linda nesse sítio. Se concordares, lembra, pois deve conter-se mesmo nas fracas disponibilidades municipais.»

Se concordares, lembra! Mas quem não há-de concordar com tudo aquilo que seja engrandecer a terra que nos foi berço?

Creia, meu bom amigo, que

(Continua na 4.ª página)

Olhai o Algarve

seu folclore e tradições

É COM muito agrado que vimos verificando o carinho que as entidades competentes vêm dedicando ao nosso folclore musical, designadamente do norte e centro do país.

Porém, em boa verdade, se, por um lado, nos anima tal facto, sentimo-nos, por outro lado, constringidos, frente à total ausência de interesse pelo folclore musical algarvio.

Porquê este fenómeno?
Pois, o Algarve não é também província de Portugal?

por Sebastião Leirla



O rancho folclórico da Casa do Povo da Luz

Suas tradições não merecerão, também, ser amparadas e divulgadas?

Não descortinamos a causa deste fatal ostracismo a que está votado o Algarve e as suas coisas.

Dr. Fausto Cansado

Regressou da Índia, onde à despedida lhe foi prestada uma grande e significativa homenagem, à qual se associaram o Governador Geral e as entidades civis e militares, pelos bons serviços prestados por aquele nosso velho amigo e conterrâneo naquela província portuguesa.

Ao sr. Dr. Fausto Cansado, distinto médico-cirurgião, endereçamos os nossos cordiais cumprimentos de boas vindas, e rezoijamo-nos muito sinceramente pela justa homenagem que acaba de receber.

Festa de Caridade

No próximo dia 7 de Janeiro realiza-se, no Teatro António Pinheiro, desta cidade, um espectáculo promovido pela Comissão de Senhoras de Caridade, cujo produto reverte para a compra de agasalhos para os pobres.

Neste espectáculo colaborarão gentilmente um grupo de meninas desta cidade e alguns alunos do C. I. S. M. I.

Pela sua iniciativa felicitamos a Comissão de Senhoras de Caridade e fazemos votos para que o seu belo gesto seja compreendido pelo público.

gares os srs. Dr. Jorge Correia, presidente da Comissão Concelhia da União Nacional, Cap. Baptista, representante do Governo Militar de Tavira, Manuel Neto, presidente da Junta de Freguesia, Francisco Passos, presidente

Continua na 4.ª página

Com júbilo, verificamos um efervescente despertar de luta, na imprensa algarvia, pelos problemas desta bulhosa província gritante de luz e de cor, que não tem o condão de interesse, bastante, para o resto de Portugal, mas que faz o encanto dos estrangeiros que se deslocam a pisar o solo generoso deste Algarve.

Embora não nos queiram ver, nós existimos, aqui iremos gritando a desventura que nos é dada e apregoando os bens materiais e espirituais deste ridente canteiro sobre o mar, para que, do confronto, ressalte a injustiça que nos vitima.

É fácil, ao abrimos o aparelho de rádio, a qualquer hora, inundarem-nos a casa a «chula», «Zés Pereiras» com gaitas de foles, melancólicas toadas alentejanas, cantigas do Minho, desgarradas, que sabemos mais.

Do Algarve, nada. Como se província de mudos fosse a quem apenas se consente comunicação através da irrequietude contaminante do «corridinho».

Só a este, que é indomável, que por si só se sobrepõe a todos os despresos, é que não foi possível abafar.

E, todavia, a propósito, nesta quadra do Natal, desde a noite do Nascimento até aos Reis, todo o Algarve se enche de cantos de amor, suaves, perfumados, repassados de espiritualidade, que vêm de épocas remotas e são sempre novos, em cada ano, na transcendência de um tradicionalismo que

Continua na 2.ª página

Este número foi visado pela Delegação de Censura

Moncarapacho no século XVI Boas Festas

Continuação da 1.ª página

Analisando esta notícia corográfica, constata-se que o hábito de muitas das pessoas principais viverem no século XVI nas suas quintas e fazendas ainda hoje subsiste em certo grau, dadas as condições de vida económica da freguesia, hoje até mais acentuadamente, devido às facilidades dos meios de comunicação.

Por outro lado, diz o autor que Moncarapacho era terra abastada, o que ainda se verifica, embora com a propriedade de mais dividida do que então.

Ao referir-se à sua grande igreja, boa e bem provida do necessário, onde se celebravam os ofícios divinos «com tanta perfeição» como os de Tavira, mostra que, em 1577, já o mesmo templo tinha sofrido a ampliação que lhe deu as proporções actuais, em estilo renascentista, com o seu lindo pórtico, semelhante ao da Misericórdia de Tavira, sem dúvida os dois mais belos pórticos renascentistas do Algarve.

Quanto à Santa Casa da Misericórdia, comprova-se que quando Costa Goodolfin afirma que essa instituição de caridade foi fundada em Moncarapacho em 1550, fá-lo com inteiro conhecimento de causa, apesar de não indicar o lugar onde se encontra o respectivo alvará, que certamente se extraviou, pois nós, temos investigado vários arquivos. E, provando-se que a Misericórdia já existia em 1577, se bem que fundada vinte e sete anos antes, implicitamente se vem reforçar a nossa opinião que as interessantes tábuas do altar da capela da mesma Misericórdia devem datar do final do século XVI ou princípios do século XVII, conforme afirmámos num estudo sobre essa pintura, publicado no jornal «A Voz».

Gente «lustrosa e de opinião» chama também o autor aos filhos de Moncarapacho. A sua igreja matriz é disso prova, paralelamente à defesa que em alguns momentos tive-

ram que fazer de direitos que lhes pertenciam e, ainda, a própria fundação da Misericórdia, instituição de amor ao próximo da mais alta importância.

Ao mesmo tempo não apreciavam os filhos de Moncarapacho os repiques de mouros que, no verão, vinham rapinar o Algarve, indo também a Marrocos defender as nossas praças, em companhia de outros nossos comprouvianos denodados defensores da Pátria. E não eram eles os últimos que acudiam, apesar da aldeia e de uma boa parte da freguesia ficar um pouco distante do mar.

De algumas das suas produções, nomeadamente, o figo e o azeite, fala-nos também Fr. João de S. José, pondo em evidência a sua qualidade, e se escrevesse nos nossos dias, falaria, com certeza, na abundância e qualidade da sua produção de amêndoas.

Pequena página, sem dúvida, esta de *Monografia do Reyno do Algarve*; é, porém, um verdadeiro diploma de honra para um povo que trabalha e luta.

Aqui a deixamos. Não para alimentar quaisquer vaidades, mas tão somente como um elemento histórico que vem imprimir uma maior responsabilidade aos seus actuais habitantes, sobretudo à juventude, parte dela sucessora desses homens honrados que viviam no século XVI em suas fazendas.

Lisboa, Dezembro de 1956

Instalações Sanitárias água fria e quente

Canalizações de água em tubo de ferro e plástico «Unillene» CASAS DE BANHO COMPLETAS Montagem e reparações

Facilidades de pagamento

Ladislau Soares

Rua 9 de Abril, 43 — TAVIRA

Durante a quadra festiva do Natal recebemos vários cartões de Boas Festas, de algumas pessoas e firmas cuja lista a seguir publicamos.

A todos agradecemos a sua gentileza e retribuimos os votos de prosperidades no decorrer do ano de 1957.

Ex.^{mas} srs. Major Mateus Moreno Presidente da Casa do Algarve, Luís Palma Vaz, Lisboa; Hermenegildo Neves Franco, Director da Casa do Algarve, Lisboa; José dos Santos Stockler, Faro; José Barão, «Redactor do Século», Lisboa; J. B. Corsino, Ld.^a, Lisboa; Carlos G. Branquinho de Cunha & Formigal, Ld.^a, Lisboa; Santos & Neto, Ld.^a, Paços de Ferreira; Administração da Companhia de Seguros Portugal Previdente, Lisboa; Casa dos Rapazes, Faro; Direcção da Associação de Socorros Mútuos, Faro; Comando Distrital da Legião Portuguesa, Faro; Simão Guimarães, Filhos, Ld.^a, Porto; Transportes Aereos Portugueses, Lisboa; Direcção da Casa do Algarve, Lisboa; Direcção do «Centro Madeirense do Porto»; Direcção do Grémio dos Industriais de Panificação de Faro; Ministério des Travaux Publics des Transports Et du Tourisme, Lisboa; Administração da Companhia de Seguros Douro, Lisboa; Nacional Rádio, Ld.^a, Lisboa; Primax, Ld.^a, Lisboa; Direcção da Casa do Povo de Santo Estevão e Direcção da Casa do Povo da Conceição de Tavira.

Olhai o Algarve

Continuação da 1.ª página

desafia o tempo, a demolição progresso e a indiferença.

Turmas corais, populares, organizam-se em grupos que o vulgo denomina «charolas», fazendo-se acompanhar por alguns músicos e, cantando em louvor do Deus Menino, passam na noite algarvia, detendo-se às portas de pessoas amigas, geralmente abastados lavradores, que já têm uma larga mesa posta, esperando-os.

Ai, o «principlador» levanta a antífona a que o coro — chamam-lhe o «contra» — vem dar fundo, com um repicar alegre de pandeiros.

A noite enche-se de místicos cantares e, só quando eles cessam, a porta é aberta para que aos «cantadores» seja distribuída a «esmola» merecida.

Estas «charolas» são numerosas, que nós sabemos, ao menos, na nossa freguesia da Luz e circunvizinhanças, onde, no dia de «Ano Bom», no Largo da Igreja, se concentram numa espécie de certame, para se apurar qual é a melhor, sendo-lhe entregue um prémio.

Nunca tivemos o prazer de encontrar os microfones da Emissora Nacional — que tão solicita é nas coisas de folclore e tradicionalismo —, registando estes cantares do mais acentuado cunho tradicional e popular espontâneo.

Porquê?

Fazemos votos para que tal lapso não persista injustificando o Algarve e os seus legítimos valores, para que ele não continue mais, sendo um estranho em Portugal.

ATLANTIC

UMA TINTA PARA CADA FIM
Agente em Tavira
Firmino António Peres
Telf. 92

Tradução do relatório elaborado pelo advogado Goês Benjamim Gaspar Fonseca, presidente do Instituto Indo-Português de Bombaim e da «Goa Union» sobre os factos que precederam a sua expulsão da União Indiana

Em um dia, nos princípios de 1955, o sr. Vicente Coelho chamou-me para a Secretaria para uma entrevista. Recusei-me a ir sem que primeiro me fosse dada garantia de que o assunto da discussão não incluiria a política. Ele aceitou a minha condição e eu fui falar com ele. Disse que queria falar comigo sobre o assunto da representação feita pela União Goana relativamente às remessas da União Indiana para a Índia Portuguesa. A representação feita pela União Goana dizia respeito às restrições impostas para a remessa de dinheiro e demora da entrega dos vales. Tal comunicação fora dirigida a Pandit Jawaharlal Nehru e fora em tempo devido enviada ao sr. Coelho para tratar dela. Depois de discutir o assunto, ele declarou que não era possível fazer nada sobre o assunto, mas disse que não havia demora nas Estações Postais Indianas na transmissão de vales.

Após a discussão desse assunto ele passou para o movimento de «Libertação» e disse que a orientação de estar na expectativa era perigosa e que a União Goana devia considerar a sua posição. Respondi-lhe que não esperava que se discutisse sobre a política, mas que, no que dizia respeito à União Goana, ela era uma instituição social e a comissão está proibida pela Constituição de entrar no campo político. Respondeu-me que era uma recusa de encerrar os factos e que a União Goana devia apoiar o movimento de «Libertação». Perguntou-me se eu era Presidente do Instituto Indo-Português e respondi-lhe na afirmativa.

Dois meses depois fui chamado pelo sr. Hussein, I. C. S. «Joint Secretary» do Ministério dos Negócios Externos, de Delhi. A entrevista teve lugar em Bombaim e o sr. Vicente Coelho assistiu à entrevista. O sr. Hussein perguntou-me sobre a constituição do Instituto Indo-Português de Bombaim, e sobre todos os assuntos respeitantes ao mesmo Instituto, tais como o seu fundo, a sua gerência, as suas actividades e o fundo existente actualmente a seu crédito. Perguntou-me depois sobre a minha naturalidade, quanto tempo estava na União Indiana e qual era a minha profissão. Quando lhe disse que fui para a Índia em 1914, perguntou-me se não sentia qualquer anseio pela liberdade de Goa, já que estava residindo há tanto tempo na Índia, tendo sido aí educado e estando aí a ganhar a minha vida.

Respondi-lhe que nunca tinha tomado interesse na política, nem desejava tomá-lo agora. Declarou-me que estranhava a minha atitude e que esperava que os homens como eu tomassem parte principal na libertação do seu país. Disse-lhe que não desejava fazê-lo, nem tomar qualquer parte na política. Quanto ao Instituto Indo-Português eu respondi-lhe que fazia obra caritativa e que estava registado sob o «Charity Trust Act». Ele perguntou ao sr. Coelho se isso era um facto e o sr. Coelho confirmou. O sr. Hussein então acrescentou que seria melhor se eu mudasse de atitude e disse: «seria pena que depois de viver aqui tanto tempo — ele porém, não completou a frase. Eu percebi que ele queria dizer que seria uma pena que eu fosse expulso depois de viver tanto tempo na União Indiana».

A mais indigna e agitada entrevista que eu tive foi com o Ashok Mehta, o «Deputy Secretary» do Ministério dos Negócios Externos, em 20-5-1956. Perguntou-me ele se eu era o Presidente do Instituto Indo-Português e da União Goana.

Respondi afirmativamente. Fez-me perguntas idênticas às que me tinham sido feitas pelo sr. Hussein. Respondi-lhe, tendo presente na mente a minha segurança pessoal, conhecendo o perigo a que estava exposto. Ele então gritou, levantando-se da cadeira, que eu era pro-português e que na minha lealdade para com Portugal excedia aos próprios portugueses. Disse que o Governador de Goa me tinha nomeado Presidente do Instituto, tendo o meu nome sido publicado no Boletim Oficial. Devia portanto ser um homem de confiança de Sua Ex.^a. Acusou-me mais de que eu impedia o movimento da libertação, obstando a que a União Indiana se juntasse a esse movimento. Pediu-me para publicamente condenar as atrozes sentenças pronunciadas contra «satyagrahis» e o tratamento desumano que lhes era dado. Disse-lhe que a Comissão Executiva tinha a responsabilidade de orientar a União Goesa e que eu era um Presidente constitucional sem poderes para alterar as decisões da Comissão. Em sua consequência, ficou muito excitado e disse-me que resignasse o cargo do Instituto Indo-Português. Eu disse que estava prestando uns pequenos serviços aos emigrantes goeses e que o Instituto era um organismo que unicamente vinha em auxílio de goeses que eram pobres e necessitados. Que não via por isso motivo para resignar o meu cargo.

Ele disse então que a União Goana devia juntar-se ao movimento de «libertação». Quando eu tornei a responder que a União Goana era uma instituição social, que estava expressamente proibida de entrar na política pela sua Constituição, mostrou-se bastante aborrecido e disse que eu era advogado e que estava arguindo como tal. Acusou-me então de escrever certos artigos e folhetos. Neguei que tivesse escrito quaisquer artigos e que tivesse feito qualquer propaganda contra o Governo da Índia. Mostrou-me então vários artigos que declarou terem sido escritos por mim, o que eu neguei. Interrogou-me então sobre uma carta que eu tinha escrito ao Secretário do Instituto, sr. Sérgio de Sousa, em que eu dizia, referindo-me ao «Charity Commissioner» que «eu reprovava a orientação de buscar intervenção estrangeira nos assuntos do Instituto». Disse ele que eu tinha chamado Governo estrangeiro ao Governo da Índia. Pedi-lhe que lesse a frase em referência ao contexto e que ela não continha o significado que ele lhe queria atribuir. Interrogou-me sobre a declaração de nacionalidade portuguesa feita por mim quando entrei para a Direcção do Instituto Indo-Português. Esses dois documentos parece que tinham sido postos à sua disposição devido aos bons ofícios do Secretário do Instituto. Perguntou-me depois por que não tinha entrado para o movimento de libertação e acusou-me de impedir que outros o fizessem. Neguei a sua acusação e disse-lhe que não tinha desejos de entrar na política e, pelo que diz respeito à Direcção do movimento, eu declarei que havia 11 associações que faziam o trabalho e que lá havia melhor gente do que eu. Ele então gritou que eu estava fugindo do ponto e perguntou-me se eu queria entrar ou não no movimento. Quando eu respondi na negativa ele disse: «eu sei como se deve proceder com gente como V.» Essa entrevista durou bastante tempo e eu registei aqui o que me parece ser a parte importante dos assuntos versados.

GASCIDLA

O combustível ideal para uso doméstico e industrial

Campanha «DE DIA DE ANO»

Até 31 de Dezembro a todos os novos consumidores que adquiram aparelhos de queima nacionais é concedido o bônus de 10% e 1 garrafa de 13 quilos grátis. Aos actuais consumidores que comprem fogões e esquentadores será concedido o mesmo bônus.

Vendas até 24 prestações mensais

Agente em Tavira

A Mecamoto Tavirense

R. Alexandre Herculano, 23-25

Cumprimenta os seus Ex.^{mas} Clientes desejando-lhes um Ano Novo muito próspero

Espingardaria ALGARVE

de

Viuva & Filhos de José Viegas Mansinho

TAVIRA

Informa V. Ex.^a que apresenta este ano lindos e perfeitos modelos das mais acreditadas marcas, aos melhores preços do mercado

Espingardas de dois canos, com cães, desde 2.400\$00

Espingardas de dois canos, sem cães, desde 2.700\$00

Padaria Central

de

Américo Farrajota Simão

Dar preferência ao pão desta Padaria, que já possui modernas instalações com **Panificação Mecânica**, é ter a certeza de consumir um alimento de alto valor nutritivo, o qual é bem confeccionado com todos os requisitos de higiene.

Travessa das Cunhas, 43-45 — Telefone 53

TAVIRA

Livros e Revistas

Mensário das Casas do Povo — Esta revista de cultura etnográfica e corporativa dedica o seu número de Dezembro à celebração do Natal. Além de vários desenhos alegóricos, referentes a esta festividade religiosa, contém artigos sobre a vida da família e sobre a infância, que merecem ser lidos com muita atenção. Um conto da autoria de Heloisa Cid, intitulado *Nunca é tarde*, e uma página fotográfica sobre o infantário da Casa do Povo de Canha valorizam extraordinariamente este número do «Mensário das Casas do Povo».

Entre a colaboração política, neste fascículo publicada, há que mencionar um discurso do sr. Dr. Henrique Veiga de Macedo, actual Ministro das Corporações, e um vibrante protesto contra a agressão russa ao heróico povo da Hungria.

O «Mensário das Casas do Povo» pode ser lido gratuitamente em todas as bibliotecas públicas e dos organismos corporativos. Agradecemos os exemplares que dos foram oferecidos.

Platela — Recebemos o n.º 138, referente a Dezembro de 1956, desta interessante revista cinematográfica, com separata colorida de Kathleen Hghes.

Rodoviária — Acaba de sair o n.º 16, desta simpática revista de transportes e turismo, dirigida inteligentemente pelo sr. M. Oliveira Santos.

Panorama do Pensamento Filosófico — Acaba de publicar-se o fascículo n.º 3 desta apreciada obra cultural dirigida pelo professor J. Magalhães Vilhena, que pode considerar-se um verdadeiro tratado de filosofia e história.

E mais uma das excelentes edições da Biblioteca Cosmos que interessa a todos que se dedicam aos estudos culturais.

Viagem — Recebemos o n.º 139, referente a Novembro, desta excelente revista de turismo, dirigida pela pena brilhante de Carlos de Ornellas.

Contos tradicionais portugueses — Recebemos o fascículo n.º 2, por amável deferência de «Iniciativas Editoriais» (Aven. Rio de Janeiro, 6, cave Lisboa), desta publicação que se apresenta com muito bom aspecto gráfico e muito ilustrada por Maria Keil que constituirá, sem dúvida e quando completa, uma das maiores riquezas do nosso património literário, reunindo pela primeira vez num só volume os contos populares até agora dispersos em obras compiladas por Teófilo Braga, Adolfo Coelho, José Leite de Vasconcelos, A. Tomás Pires, Consiglieri Pedroso, Ataíde de Oliveira e outros. Agradecendo

FUTEBOL

Campeonato Nacional da II Divisão

Os jogos realizados no passado domingo foram os seguintes:

Estoril, 3-Portalegre, 3; Montijo, 2-Olivais, 1; Montemor, 1-Coruchense, 1; Arroios, 4-Farense, 2; Beja, 2-Almada, 1; «Leões», 1-Juventude, 0; Olhanense, 5-Portimonense, 4;

Classificação Geral

	J	V	E	D	P
Farense . . .	17	12	3	2	27
Olhanense . .	17	11	1	5	23
Montijo . . .	17	9	5	3	23
Coruchense . .	17	8	6	3	22
Desp. Beja . .	17	8	2	7	18
Arroios . . .	17	5	6	6	16
Portalegrense.	17	6	4	7	16
União Sport..	17	7	2	8	16
Olivais . . .	17	6	2	9	14
Estoril . . .	17	6	2	9	14
«Os Leões» . .	17	6	2	9	14
Juventude . .	17	5	3	9	13
Portimonense	17	5	2	10	12
Almada . . .	17	3	4	9	10

Jogos para hoje:

Portimonense - Portalegre, Coruchense - Olhanense, Olivais - Montemor, Juventude - Montijo, Almada - «Leões», Farense-Beja, Arroios-Estoril.

VENDE-SE

Por motivo de retirada, automóvel marca Standard, 8 cavalos, modelo 1948, em bom estado de conservação e mecânica.

Tratar com o 2.º Sargento Ferreira no C.I.S.M.I., depois das 14 horas do dia 31.

a amabilidade, recomendamos vivamente tão prestimosa obra.

O Rei e Eu — Assim se intitula o n.º 16 da conhecida e apreciada colecção de «Produções António Feio», denominada «Novella - Filme» e que é a novelização de António Maria do filme do mesmo nome e que se estreia nesta época no cinema lisboeta «Tivoli», e que teve o êxito que merecia, dada a categoria da protagonista — Deborah Kerr. Idêntico êxito terá este número da «Novella - Filme» em que estão publicadas novelizações dos mais celebrados filmes dos últimos tempos, como «A Colina da Saudade», «Ninoteka», «Férias em Roma», «O Anjo Mudo» e «O Cisne».

Notícias Pessoais

Aniversários

Fazem anos:

Hoje — D. Maria João Fagundes Peres, Dr.ª D. Maria da Glória Oliveira Bomba e srs. Dr. Manuel Sabino Costa Trindade, Jaime Luis Santos Pires e Flausino Sabino Viegas.

Em 31 — D. Ermelinda da Conceição Lima e menino Juvêncio Abel Gomes Pires.

Em 1 — D. Maria Eduarda Cordeiro Conceição, D. Isabel da Silveira Vargues, D. Maria João Costa, D. Luísa Viegas Nobre, menina Maria José Varela Cercas, menina Maria da Estrela Pereira Forjaz e srs. António dos Santos Cristo e João Baptista.

Em 2 — D. Maria Helena da Silva Modesto d'Avilez de Basto, menina Maria Diná Ramos Afonso, menina Maria Anabela Pinto Conceição e srs. José Augusto Baptista Pires e Augusto Domingues da Encarnação Martins.

Em 3 — D. Maria Beatriz da Assunção Galhardo, menina Maria Helena da Silva Rosa e srs. Carlos de Nery Fernandes Bandeira, João Martins Victor e António João da Silva Matos.

Em 4 — D. Maria Emilia Lopes de Figueiredo Marques, srs. Dr. José Augusto Soares de Matos, Amadeu da Silva Fernandes, Manuel Soléio Padinha, Carlos do Nascimento Rocha e Carlos Viegas do Nascimento Rocha.

Em 5 — D. Maria José Soares da Fonseca, menino Dinis Manuel da Conceição Esteves e sr. Fernando Avelino Lopes da Cruz.

Partidas e Chegadas

Com sua esposa encontra-se nesta cidade, onde veio passar o Natal com sua família, Belmiro Gonçalves Mourato Marques, funcionário da Delegação de Saude da Covilhã e nosso prezado assinante.

— Com sua esposa e mãe encontra-se em Monte Gordo, onde veio passar as festas do Natal, o nosso prezado amigo e conterrâneo sr. Tenente Coronel Dr. Vasco Martins.

— De visita a sua família, vimos nesta cidade, o nosso prezado amigo e conterrâneo sr. Jaime da Silva Brito Neto, professor do ensino primário, em Lisboa.

— Encontram-se nesta cidade, onde vieram passar alguns dias com sua família, o sr. João Francisco Rodrigues e sua esposa, sr.ª D. Lídia Lopes Rodrigues, residentes em Lisboa.

— No gozo de férias do Natal, encontram-se nesta cidade os srs. aspirante a oficial Ernesto Augusto Melo Antunes e o aluno da Escola do Exército Waldemar Sesinando Baptista.

— Com sua família encontra-se na sua casa em Luz de Tavira, onde veio passar as festas do Natal, o nosso amigo e colaborador, sr. Henrique Gago da Graça, importante industrial em Luanda.

— Com sua esposa encontra-se nesta cidade onde veio passar o Natal, o nosso prezado amigo sr. Eng.º Joaquim Mendes Cipriano, residente em Lisboa.

— Com sua esposa e filho foi a Lisboa passar as férias do Natal, o sr. Dr. João Augusto Pacheco e Melo Franco, M.º Juiz da Comarca de Tavira.

— Com sua família, encontra-se em Tavira o ilustre académico e catedrático sr. Eng.º Herculano de Carvalho.

— Vimos nesta cidade onde veio passar o Natal, o sr. José Bragança Gil, funcionário do Arquivo de Identificação em Lisboa.

— Encontra-se nesta cidade onde veio passar as férias do Natal, o sr. José Manuel Ribeiro Padinha, aluno da Escola de Regentes Agrícolas em Évora.

Nascimento

Na maternidade Alfredo da Costa, em Lisboa, teve o seu bom sucesso, dando à luz uma criança do sexo masculino, a sr.ª D. Maria Helena Custódia Romeira Canseira Bemposta, esposa do sr. Júlio Bemposta

Sociedade Orfeónica

No próximo dia 31 do corrente realiza-se, na Sociedade Orfeónica de Amadores de Música e Teatro, o tradicional Baile do Fim do Ano, que será abrilhantado pela Orquestra Royal, de S. Brás de Alportel.

Calendário

Da firma Firmino António Peres desta cidade, representante do Cimento Secil, recebemos a oferta de um calendário de secretária para o ano de 1957.

Os nossos agradecimentos.

Júnior, agente técnico de engenharia.

O neófito, que foi registado no passado dia 7 de Dezembro, recebeu o nome de Paulo Renato Canseira Bemposta e foi apadrinhado pelo sr. José Fragoso, funcionário público, e pela sr.ª D. Maria da Conceição Canseira Tamissa, prima materna.

Casamentos

No passado dia 23 do corrente celebrou-se na igreja do Barranco Velho, o enlace matrimonial do sr. José Belchior Viegas, industrial, com a sr.ª Dr.ª D. Bernardete de Jesus Romeira, Directora do Colégio Dr. João Lúcio, em Olhão.

Paraninfaram o acto, por parte da noiva, a sr.ª D. Maria de Lourdes Romeira Morgado e seu esposo, sr. José Gomes Morgado, comerciante em Olhão, e, por parte do noivo, a sr.ª Dr.ª D. Mariete de Oliveira Bomba, Directora do Externato Nossa Senhora das Mercês de Tavira, e o sr. Dr. Peres Fialho, médico em S. Brás de Alportel.

Após a cerimónia foi servido um abundante copo de água aos convidados, em casa da noiva.

Os cônjuges seguiram em viagem de núpcias para Espanha.

Ao novo casal desejamos muitas felicidades.

No passado dia 22 do corrente, celebrou-se na Igreja do Carmo nesta cidade, o auspicioso enlace da sr.ª D. Maria Luísa de Vasconcelos Pessanha,

Grémio da Lavoura de Tavira

Batata-semente Informamos a lavoura de que acabamos de receber o primeiro lote de batata-semente da variedade Arran-Banner, procedente da Irlanda.

Aos interessados na sua aquisição aconselhamos que procedam ao seu levantamento com brevidade, pois desse modo poderão orientar convenientemente o abrolhamento de harmonia com a época em que pretendam efectuar as sementeiras.

Milho Lembramos que as declarações de venda representam compromissos assumidos taxativamente pelos declarantes perante a Federação Nacional dos Produtores de Trigo. Esses compromissos só podem ser cancelados por declaração escrita, dentro dos trinta dias subsequentes à data da declaração de venda. Não se procedendo assim, subsistirá a obrigatoriedade de entrega das quantias declaradas, como oportunamente se tornou público.

Tavira, 56 Dezembro 1956

A Direcção

prendada e gentil filha da sr.ª D. Maria Firmina Pimentel Pinto de Vasconcelos Pessanha e do sr. Dr. Gonçalo Pires Bandeira da Gama Pessanha de Faria Coutinho, com o sr. António Manuel de Brito Carvalho, filho da sr.ª D. Amélia Maria Brito de Carvalho e do sr. Professor Engenheiro António Herculano Guimarães Chaves de Carvalho.

Presidiu à cerimónia o reverendo Prior António do Nascimento Patrício que celebrou missa «pro sponsis», tendo feito uma brilhante alocução.

O acto foi acompanhado a orgão pelo rev. Padre Coadjuutor de Tavira. Serviram de padrinhos os pais dos noivos. Após a cerimónia foi servido um fino copo de água aos convidados, em casa dos pais da noiva.

Ao casal, que fixou a sua residência em Lisboa, desejamos muitas felicidades.

Doente

Tem passado incomodado de saúde o nosso prezado conterrâneo sr. Dr. Pedro Pacheco Mil Homens, meritíssimo Juiz Corregedor, em Lisboa.

«O Povo Algarvio» vende-se em Lisboa, no Parque Mayer, na Tabacaria Jaime da Silva.

Artigos funerários em Tavira?
Só na casa de **José António da Silva Puga**
Estabelecimento de mobílias completas móveis avulso, tapeçarias, etc.
Digna-se cumprimentar os seus estimados clientes e suas famílias desejando-lhes um Ano Novo cheio de prosperidades.

Rui Aboim Faria Pereira
Farmácia Montepio Artístico Tavirense
TELEFONE 183
SERINGAS
Perfektum, Mikro, Fias
●
TERMÓMETROS
Hick, Negretti, Mikro, Bramman
●
Sacos para água quente «Wimpassing»
●
Modess, Gess, Kotex, Nex Nic

CARDOSO - Cabeleireiro
A Casa que emprega sempre nos seus trabalhos produtos e aparelhagens de qualidade, apresenta o último progresso na permanente.
Instituto de Beleza Cardoso
TELEF. 180
Rua da Liberdade, 18-1.º — TAVIRA
Permanente Neutra e Permanente Frio

J. A. PACHECO
TAVIRA
Fábricas de moagem de farinha espoada e ramas
PANIFICAÇÃO MECÂNICA
Uma maquinaria completa aliada a um escrupuloso fabrico fazem com que os produtos das fábricas
J. A. PACHECO
tenham a consagração do público que os consome.
TELEFONE 13 APARTADO 13

Continuação da 1.ª página

muito gostosamente aqui fica «lembrado» o vosso alvitre. Oxalá ele seja acarinhado por quem de direito, pois, felizmente, «alguma coisa tem sido posta a direito... que não estava!» E essa é a nossa única e grande satisfação...

2.º — Não está certo!...

Sim! Não está certo que, em plena cidade, ali á beirinha desse Gilão formoso, num local de passagem obrigatória dum aglomerado populacional — que não é pequeno — susceptível também de ser observado por aqueles que nos visitam, exista um quadro degradante que só nos envergonha.

Na rua Jaques Pessoa, um incêndio devorou há tempo um armazém de alfarroba, destruindo o madeiramento do telhado e fazendo-o ruir completamente.

De paredes esventradas e negras pela acção das chamas, de porta larga escancarada noite e dia a mostrar misérias, é hoje o local escolhido naquela zona ribeirinha para sentinas públicas, utilizadas a qual-quer hora.

Não sabemos de quem é aquele armazém... Não conhecemos a razão por que os seus proprietários não reedificaram aquilo que as chamas devoraram... Mas duma coisa não nos resta dúvida: tal espectáculo vergonhoso — fácil de ser verificado — não pode continuar se quisermos evitar mais conceitos desprimorosos para uma cidade que os não merece pelo seu passado!

3.º — Bairro Jara

No último número do nosso Jornal, na coluna «Pela Cidade», acerca do Bairro Jara, lê-se:

«Vão ficar preparadas confortáveis habitações para 18 famílias, onde não faltará a energia eléctrica, a canalização da água e o respectivo quarto de banho, com as necessárias e higiénicas instalações sanitárias».

«Registamos e aguardamos o melhoramento que, dentro em breve, será concluído e que virá solucionar, em parte, o problema de habitação das classes modestas.»

Ninguém mais do que nós sente, louva e admira tudo aquilo que traduz progresso, não regateando aplausos quando algo se fez em prol do engrandecimento desta Tavira a que tanto queremos.

Quando essas manifestações de progresso ou de engrandecimento visam a melhoria de vida dos necessitados — e tantos eles são no nosso concelho — maior ainda é o nosso aplauso e os nossos mais rasgados elogios à obra feita e aqueles que lhe deram possibilidade.

Bem haja, portanto, quem de algum modo contribuiu ou es-

tá contribuindo para que o Bairro Jara adquira em breve aquelas condições higiénicas que darão um pouco de dignidade a aqueles que o destino sempre desamparou e ali encontraram abrigo.

Não sabemos se terá foros de verdade — e Deus queira que nos enganemos — o boato de que as novas instalações do Bairro Jara, que estão a sofrer melhoramentos que há muito tardavam, se destinam a ser alugadas às «classes modestas», como se depreende da última local do nosso Jornal!

Nem conseguimos compreender o que se entenderá para os habitantes do Bairro Jara, por «Classes Modestas» se, infelizmente, aqueles para quem o mesmo foi construído não podem ser incluídos naquela designação, tal o estado de miséria e indigência da maioria dos que ali vivem...

Fazer aquela gente pagar uma renda de casa seria mais uma afronta a juntar às já feitas à memória desse Tavirense que, bafejado pela fortuna, não se esquece de legar à sua terra esse Bairro, dos primeiros construídos no País, exclusivamente destinado a albergar gratuitamente os pobres indigentes de uma cidade.

Se, noutras épocas, já alguém — que não era Tavirense como nós, cu como nós sentia tudo quanto de belo existe na nossa terra — cometeu a afronta de vender o magnífico edifício da Escola Jara, legado à Municipalidade exclusivamente para esse fim, fazendo com que se arrasasse o que devia ser para nós monumentalmente sempre vivo à memória dum bom filho desta terra, não queiramos nós agora cometer nova afronta, alterando, de algum modo, a ideia do testador.

Melhore-se, sim, aquilo que já era, pela acção do tempo, um monte de ruínas, indigno das necessidades da nossa época, mas continuemos a manter abrigados nos novos tectos do Bairro Jara, não as «Classes Modestas», que têm ainda alguma possibilidade de arranjar abrigo para os seus, mas sim esses pobrezinhos e indigentes que mal conseguem arranjar um côdea de pão com que mitigar a fome do dia a dia, quanto mais possibilidade de pagar uma renda, modesta embora!

O Bairro Jara foi feito para os pobres, e só estes devem beneficiar do legado do testador. Não queiramos, com exemplos como os que infelizmente sucederam já com os legados do benemérito Jara, que todos aqueles que pensam um dia deixar alguma coisa em benefício da sua terra se arrependam, com receio de não ver cumprida a sua última vontade!

Oxalá nos tenhamos enganado acerca das informações que chegaram até nós... São os nossos mais sinceros votos!

Liberto Concelção



Pela Cidade

Teatro António Pinheiro — Espectáculos da semana:

Hoje, apresenta, em espectáculo para maiores de 18 anos, a divertida e original história de um magistrado envolvido, num sarilho que o arrasta, a ser julgado no tribunal onde é juiz. Magistral interpretação com Silvana Papanini, Walter Chiari, Peppino de Filippo. *No Banco dos Réus*, uma sátira excepcional.

Terça-feira, em espectáculo para maiores de 13 anos, com Lana Turner, Ricardo Montalban, Louis Calhern, Jean Hagen, John Lund no delicioso filme musical em technicolor *Meu Amor Brasileiro*, um encantador romance de amor, passado na romântica cidade do Rio de Janeiro. Oçam: Lana Turner e Ricardo Montalban, falarem e cantarem em português, uma história deliciosa num filme delicioso. Uma jovem americana com muito dinheiro, e muito pouco amor.

Quinta-feira, em espectáculo para maiores de 18 anos, um filme que derretiu Lisboa, como bateu os «Records» de exibição durante muitas semanas em Paris, porque é um espectáculo de alegria, verdadeira graça e espírito franceses. *O Eterno Feminino* com Eddie Constantine o novo galã que conquistou Paris na bagagem de Edith Piaf e as sedutoras Nadia Gray e Dominique Wilms. Em complemento, *Fausto e o Diabo*, com Italo Tajo. Um espectáculo invulgar para as amantes de música e do cinema, um filme de profunda emotividade com passagens, e cenários magníficos. O mais belo drama de amor.

Sábado, em espectáculo para maiores de 18 anos, outro grande êxito de Eddie Constantine que criou no cinema popular personalidade, o seu nome à frente da ficha artística, de qualquer filme, faz esgotar as lotações, é garantia de uma acção movimentada, cheia de imprevisto, como detective corajoso, habil em desvencilhar-se das armadilhas dos bandidos que persegue. *Ela é de Gritos*. Em complemento, *Obsessão* um assunto audioso que toca com os nervos, com James Mason e June Havoc.

Farmácia de serviço — Está de serviço urgente, durante a presente semana, a Farmácia Montepio.

Vende-se em Tavira

Prédio grande na Rua Alvares Botelho N.º 34, 36, 38 40 e 42, 1.º e 1.º andar, com chave na mão e reparação geral acabada de fazer, em posição de vista excepcional para o mar, cidade e serra, com 18 divisões grandes, 2 quartos de banho, grande armazém anexo, cavalariça, palheiro grande quintal com nora, levadas e tanque.

Júlio Sancho
Médico-Radiologista
RADIODIAGNOSTICO-FOTOGRAFIA-TRATAMENTOS ELÉCTRICOS-ONDAS CURTAS-ULTRA-SONS
Clática, lumbago, artrose deformante, nevralgias, etc.
CONSULTÓRIOS
FARO—PORTIMÃO tefs. 368

A festa da inauguração da luz eléctrica na Luz de Tavira

Continuação da 1.ª página

da Comissão da U.N. da Luz, Rev. Arsénio Águas, prior da freguesia, e o presidente da Assembleia Geral da Casa do Povo.

Aberta a sessão, foi dado o uso da palavra ao sr. Manuel Neto, que agradeceu, em nome da freguesia, a competência das entidades oficiais, manifestando o seu contentamento pelo melhoramento que se acabava de inaugurar.

Falou em seguida o sr. Dr. Jorge Correia, que fez o elogio de Sua Ex.ª Rev.ª o sr. D. Francisco Rendeiro, ilustre Bispo da Diocese, e especial referência à honrosa presença naquele acto do sr. Eng. Sebastião Ramirez, e a sua brilhante acção como antigo ministro.

Referiu-se depois ao importante melhoramento que se comemorava e à obra inovadora do Estado Novo, nos mais diversos sectores da vida nacional, inundando a terra portuguesa com os seus fachos de luz proveniente das barragens e a luz espiritual emanada de centenas de escolas novas que se têm edificado.

Foi muito aplaudido pelo seu brilhante improviso.

Falou depois o sr. Eng. Sebastião Ramirez, que agradeceu as amáveis palavras que lhe dirigiu o sr. Dr. Jorge Correia, razão por que foi forçado a falar naquele momento. Depois de endereçar palavras encomiásticas ao sr. Bispo do Algarve, fez de forma interessante o elogio do catolicismo e da fé e a sua acção moral. Depois, referiu-se ao melhoramento que a freguesia da Luz acabava de inaugurar — a luz eléctrica, o escravo submetido que cada um tem ao seu dispor, o verdadeiro escravo da época moderna, referindo-se com entusiasmo à electrificação do Algarve que se aproxima. As suas palavras foram coroadas de fortes aplausos.

O sr. Bispo do Algarve felicitou a população da freguesia, afirmando que o primeiro benefício que Deus fez à terra foi a luz. Agradeceu as palavras que lhe foram dirigidas naquela sessão; e, referindo-se às Casas do Povo, disse que eram fontes de luz, continua-

doras da escola, escolas de adultos para a luz da formação humana.

A Casa do Povo, a Escola e a Igreja são, as fontes luminosas que deverão conduzir os homens pelo caminho do bem.

No final da sua brilhante alocução, foi freneticamente aplaudido.

Para encerrar a sessão, falou o sr. Capitão Jorge Ribeiro, que manifestou o seu regozijo pela presença honrosa, do sr. D. Francisco Rendeiro, cuja palavra fluente se fizera ouvir naquela sessão e dos srs. Eng. Sebastião Ramirez, que considerava um bom amigo do concelho de Tavira, e Dr. José Correia do Nascimento a quem a política local já muito deve. Referiu-se depois à inauguração da energia eléctrica na Luz de Tavira, melhoramento que demorou por razões várias, mas que tivera enfim a sua justa realização, que muito o regozijava.

Longos aplausos se ouviram no final do seu discurso.

Em seguida, foi oferecido pela Junta de Freguesia, no edifício escolar, um porto de honra aos convidados, que serviu de pretexto para se levantarem alguns interessantes brindes.

Como nota de reportagem, é justo salientar a boa ordem como decorreu toda aquela manifestação e o trabalho insano desenvolvido pelos srs. Eng. Osvaldo Bagarrão e agente técnico José Filipe Ribeiro, para que nada faltasse no momento propício.

Sem querermos penetrar no campo da técnica, que está fora do nosso alcance, o que é uma verdade incontestável é que toda a distribuição daquela rede e respectivas baixadas nos dão uma nota aparente de cuidada direcção técnica.

Também não nos passou despercebida a falta de comparação de algumas pessoas que denodadamente lutaram pela realização de tal melhoramento, bem como de um representante da Empresa de Electricidade Olhanense.

Fogão a Lenha

«Alba n.º 1», óptimo estado. Nesta Redacção se informa.

Ourivesaria Gonçalves

Telefone 102—TAVIRA

O seu proprietário cumprimenta os seus clientes desejando-lhes um Ano Novo muito próspero.

Mosaicos Leão



Uma criação da técnica moderna

Fabricação garantida com excelente matéria prima. Executam-se em todas as cores e modelos. Os mosaicos preferidos pelos construtores pela sua qualidade e duração.

Dirigir pedidos directamente à

Fábrica de Mosaicos Leão

Rua da Porta Nova, 7 — Telefone 110 — TAVIRA

Leilão de Penhores

Caixa Geral de Depósitos, Crédito e Previdência

Casa de Crédito Popular

Agência n.º 49

TAVIRA

Avisam-se os mutuários que no dia 16 de Fevereiro próximo futuro, pelas 14 horas, se procederá na Filial da Caixa Geral de Depósitos, em Faro, ao leilão de penhores cujos contratos tenham o pagamento de juros em atraso mais de três meses.

A Agência receberá juros em dívida até ao dia 12 do referido mês:

Repartição da Casa de Crédito Popular, em 10 de Dezembro de 1956.

O Chefe da Repartição,
a) Oliveira e Costa